

PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL, GÊNERO, HOMOFOBIA E HOMOAFETIVIDADE NA ESCOLA.

LUCIANO PEREIRA DOS SANTOS¹; MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – lucianopereiraluciano@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marciaondina@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade no universo escolar tem sido um tema polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores nos diversos cenários sociais. Assim como em outros espaços, na escola essa temática também vem enfrentando tabus e preconceitos. Quando se trata das homossexualidades, certamente a questão se torna mais delicada diante da sociedade heteronormativa em que vivemos.

Por conseguinte, imbuídos nesse processo de heteronormatização dos sujeitos, ordenados por um currículo, portadores de valores morais e éticos constituídos, estão os professores e professoras, que interagem nesse espaço chamado escola, posicionando-se diante das manifestações homofóbicas e ou de homoafetividade.

Frente a estas constatações, esta pesquisa, problematiza a reflexão sobre até que ponto o discurso politicamente correto e a ética da profissão, se desvinculam, na prática em sala de aula, do sujeito construído historicamente, fruto de suas relações sociais e, portanto detentor de valores constituídos ao longo de suas experiências, que ali está no cumprimento da função profissional de professor.

Tendo por objetivo a identificação e caracterização do processo de construção das interlocuções dos professores sobre diversidade sexual na escola, considerando suas experiências pessoais, profissionais e suas áreas de conhecimento; e entender os fatores que levam o docente incluir ou não a discussão sobre homofobia e homoafetividade nas práticas em sala de aula, este trabalho está ancorado nas questões relativas às homossexualidades fundadas nos estudos de Junqueira (2009), Louro (1997,2001,2007) , Foucault (1987,2004), Bourdieu (1998), Dinis (2011) dentre outros.

A pesquisa está em andamento e o presente texto traz apontamentos sobre as percepções de docentes de uma escola de ensino básico da cidade Pelotas/RS, sobre diversidade sexual e de gênero, homofobia e homoafetividade e como se relacionam com esses temas em sala de aula.

2. METODOLOGIA

Os sujeitos/objeto de estudo são professores da rede pública da cidade de Pelotas/RS. No percurso metodológico, propõe-se a pesquisa de abordagem qualitativa tendo o processo e seus significados como focos principais. A proposição metodológica está baseada nos estudos de Gil (1991,1999) e Novais e Novais (2009) por meio da promoção de rodas de conversas, contatos pessoais, observações e questionário. Os dados apontados nesse texto são oriundos de um questionário diagnóstico, aplicado a 41 docentes de uma escola pública do ensino básico. Os participantes foram orientados sobre os procedimentos da coleta de dados, e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE em

duas vias, ficando com uma cópia para si e a outra com o pesquisador. Foram tomados alguns cuidados durante a coleta de dados, no que se refere ao anonimato dos/as docentes entrevistados/as, a confidencialidade das informações, privacidade e proteção da imagem sendo utilizados códigos para a identificação dos sujeitos, conforme regem as normas de Pesquisas com Seres Humanos (Resolução 196/96) (BRASIL, 1996).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola investigada situa-se na região central da cidade de Pelotas/RS, funciona em três turnos – matutino, vespertino e noturno. Possui um quadro funcional de 162 pessoas sendo 122 delas docentes. Atende a 2.594 educandos, compreendendo a Educação Infantil, os Anos Iniciais, o Ensino Fundamental II, o Ensino Médio Regular, Ensino Médio Nível Técnico e Ensino Médio EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Do universo de 122 docentes, 41 responderam o questionário diagnóstico totalizando 34% dos professores e das professoras da Unidade Escolar.

Dos respondentes, 81% possuem idade acima de 40 anos, 83% são do sexo feminino, docentes casados e/ou que vivem com cônjuge somam 73% dos pesquisados. 76% têm filhos e quanto à religião, 37% se declararam Cristãos/Católicos, 12% Cristãos Protestantes/Evangélicos, 24% Espíritas, 5% praticantes de Religiões Afro-brasileiras e Outra, Nenhuma ou Não Respondeu totalizaram 22%.

Quanto à orientação sexual, 100% dos pesquisados se declararam heterossexuais e 88% trabalham no Ensino Médio (66% Ensino Médio Regular, 12% Ensino Médio EJA, 10% Ensino Médio Técnico). Quanto ao tempo de docência, 41% dos respondentes possuem mais de 20 anos de trabalho em sala de aula, 24% de 16 a 20 anos, 12% de 11 a 15 anos, 7% de 6 a 10 anos e 15% possuem de 0 a 5 anos de docência.

Ao nos debruçarmos sobre os dados fica-nos claro que se trata de uma escola de grande porte, com muitos funcionários, muitos docentes e um grande número de educandos. Isto nos remete a um espaço que não cabe ser visto como estático. Nele permeiam conflitos, tensões e disputas e se estabelecem relações de poder; a escola tanto rejeita, quanto produz e/ou compartilha significados (MOREIRA E CANDAU, 2003). Neste ambiente estão os docentes que interagem posicionando-se diante das manifestações homofóbicas e ou de homoafetividade.

73% dos pesquisados não tiveram em sua formação como docente nenhuma disciplina sobre gênero e sexualidade na escola e 61% nunca fizeram curso, seminário, oficina ou formação sobre o tema. 61% dos docentes afirmam não se sentirem preparados para abordar assuntos como diversidade sexual, igualdade de gênero, homofobia, homoparentalidade, homoafetividade em sala de aula. 78% já presenciaram atitudes preconceituosas/discriminatórias em relação a identidades NÃO heterossexuais na escola, enquanto que na opinião de 95% dos participantes, manifestações discriminatórias e preconceituosas em relação às sexualidades interferem no rendimento escolar dos educandos. 85% afirmaram posicionar-se diante das questões sobre relações de gênero e diversidade sexual na escola e 93% acreditam que a escola tem a responsabilidade de abordar esses temas, 93% garantem ser essa uma discussão relevante a ser feita na sala de aula, enquanto que 71% asseguram que a família não apoia que a escola aborde esses temas e 61% declaram não existir disciplinas mais adequadas que outras para tratar desses assuntos.

Depois de perguntas relativas à abordagem dos temas gênero e diversidade sexual na formação dos docentes e no ambiente escolar, os pesquisados foram questionados se concordam ou não com algumas frases: 59% concordam com a frase “Deus fez a mulher para o homem, para que se casem e constituam família”; 59% concordam com “Toda forma de amor é válida, desde que em ambiente íntimo e privado”; 83% concordam que “Os professores não estão preparados para falar sobre diversidade sexual na sala de aula”; 71% concordam com “Cada um tem o direito de ser o que quiser desde que se mantenha no seu canto”; 73% não concordam com a frase “Se o professor ou professora começa a tocar demais nesses assuntos, os colegas logo ficam desconfiados pensando que ele/ela é gay/lésbica”; 95% concordam com a frase “Não vejo problema de menino brincar com bonecas e menina brincar com carrinhos”; 95% concordam com “Diga-me com quem andas que te direi quem és”; 93% concordam com a frase “Travestis me dão medo. É muito estranho”; 83% concordam que “Casamento entre pessoas do mesmo sexo é tão válido quanto qualquer outro, porque os tempos mudaram”; 78% concordam com “Aqui, como em qualquer outro lugar, existem pessoas que, na sala de aula fazem um discurso, mas na sala dos professores não perdem a oportunidade de soltar uma piadinha maldosa em relação ao assunto”; 22% concordam com “Essa questão da diversidade é muito complicada. Não é porque é gay, lésbica, travesti, transexual ou o que for, que não tenha que respeitar o ambiente. Não dá para querer sair por aí de mãos dadas, aos beijos e abraços como se fosse normal”; 32% concordam com “Outra questão são as roupas. Tem alunas que entram na sala de aula maquiadas demais, com roupas apertadas, curtas, etc. Elas provocam. Hoje em dia dão mais trabalho que os meninos”.

O que podemos observar diante do exposto são as disparidades e controvérsias apontadas nas respostas, o que pode nos sugerir que em determinados momentos os pesquisados primaram pelo politicamente correto e em outros foram interpelados por valores pessoais e morais. Podemos ainda fazer o exercício da reflexão de que esses apontamentos ratificam o despreparo e a falta de conhecimentos destacados por eles mesmos em algumas de suas respostas.

4. CONCLUSÕES

A educação é o direito básico garantido constitucionalmente ao qual se tem mais acesso nos dias de hoje, independente da classe social a que se pertence. Isso ressalta a importância da escola como espaço de combate à discriminação e preconceitos. Ao manifestar-se no ambiente escolar, a homofobia se opõe à construção de uma consciência crítica e ao desenvolvimento de práticas orientadas pelo respeito à pluralidade e aos direitos humanos.

A angústia pedagógica aqui posta está na reflexão sobre até que ponto o discurso politicamente correto e a ética da profissão se desvincula, na prática em sala de aula, do sujeito construído historicamente, fruto de suas relações sociais e, portanto detentor de valores constituídos ao longo de suas experiências, que ali está no cumprimento da função profissional de professor.

A relevância dessa pesquisa reside no fato de que seus resultados podem servir de instrumento colaborativo para a elaboração e proposição de intervenções no processo educacional, nas formulações de capacitações e cursos de formação continuada que tratam da diversidade sexual na escola, pois se configura importante e necessário considerar as percepções de seus agentes mais diretos – as professoras e os professores. Considerando o docente como multiplicador e formador de opinião, como referência aos educandos, a

importância desse trabalho se dá ainda, na compreensão das razões pelas quais se norteiam suas práticas em sala de aula diante da diversidade sexual possibilitando assim a reflexão para a formulação e proposição de ações mais efetivas na promoção da igualdade de direitos e ao combate à homofobia na escola. A importância dessa temática se dá também se considerarmos o fato que homossexualidade, homofobia e homoafetividade são ainda assuntos tidos como tabu no ambiente escolar e, por conseguinte, pouco discutidos com os educandos, e ainda no campo científico é pouco explorado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde: dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa** (CONEP), 1996.

DINIS, Nilson Fernandes. *Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil. n.39. p.39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
_____. *A ordem do discurso*. 10ª Ed. São Paulo, Edições Loyola. (2004)

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz, Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In XAVIER FILHA, Constantina (org). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009, p. 111-142.

LOURO, G.L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed. 1997.

_____. Teoria Queer: uma perspectiva pós-identitária para a Educação. *Revista dos Estudos Feministas*, 9(2): 541- 553, 2001.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOREIRA, Antonio F., CANDAU, Vera M. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: mai/jun/jul/ago, nº23, 2003.

NOVAIS & NOVAIS. Anotações sobre rodas de conversa. In: Rodas de conversa – Grupo de Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares. Uberlândia, maio, 2009. 3p. (Mimeo).